

V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

A CAMUFLAGEM COSMÉTICA:

Tratamento da Desfiguração Facial Adquirida por Queimaduras.

AUTOR PRINCIPAL: Érica De la Torre Prado Pereira.

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Patrícia Ketzer.

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo.

INTRODUÇÃO

O projeto Changing Faces (Reino Unido, 2016), estimou que mais de 12% da desfiguração facial é causada por queimaduras, essa porcentagem é de um total de 1.345.000 vítimas de significativa desfiguração facial ou corporal (Changing Faces, 2016). Esses indivíduos sofrem socialmente por não se encaixarem no padrão de normalidade, alterando a percepção de sua imagem corporal os expondo ao preconceito. É preciso, então, explorar as ferramentas de correção cosmética disponíveis, para obter novos tratamentos e a reinserção desses na sociedade, usufruindo da possibilidade de esconder cicatrizes e trazer de volta o mais próximo da identidade das vítimas anterior aos acidentes.

Levando isso em conta, questiona-se: a camuflagem cosmética é válida e resolutiva no tratamento da desfiguração facial adquirida por queimaduras e capaz de auxiliar na reinserção social desses indivíduos?

DESENVOLVIMENTO:

O método escolhido foi uma revisão bibliográfica e um estudo de vídeos. Esse estudo foi feito em vídeos da youtuber nigeriana, Shalom Blac, a qual teve sua face queimada com óleo quente na infância. Nesses vídeos ela transforma mulheres, com deformação facial adquirida por queimaduras, através da maquiagem e essas contam sua história. Os problemas psicossociais causados pela desfiguração facial são evidentes e a inclusão de camuflagem cosmética no tratamento das vítimas pode ser eficaz.

V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



O tratamento de vítimas com diferenças visuais aparentes, como vítimas de queimaduras, além das expectativas e emoções do próprio paciente envolvem-se também as de toda a sociedade. Esta é influenciada pela aparência, já que julgamos e criamos laços com base nela “[...] nós reconhecemos implicitamente que nossa aparência física contribui para as impressões que os outros formam de nós, mesmo que também aceitemos que essas impressões podem ser modificadas por meio do contato subsequente.” (RUMSEY; HARCOURT, 2004, p. 83).

Nesse sentido uma das sobreviventes maquiadas por Shalom relatou que sofria bullying na infância e que isso foi gatilho para suas quatro tentativas de suicídio. Também relatou que caso alguém tivesse se aproximado dela, poderia ter evitado. Percebe-se que a deformidade facial a prejudicou psicossocialmente e que caso terapia na qual foi submetida fosse acompanhada da camuflagem de suas cicatrizes poderia ter evitado situações que a puseram em vulnerabilidade.

Além disso, a deformação facial adquirida é pior que a congênita. Isto ocorre porque a vítima de desfiguração adquirida já possuía uma imagem corporal, pre-memory (HARRIS, 1997 apud RUMSEY; HARCOURT, 2004, p.84), que é como esta se identifica, é o que ela representa. Nas diferenças congênitas o indivíduo sempre se identificou daquela maneira, mesmo que possa ter sofrimento, abrindo a possibilidade deste de agregar a diferença em sua personalidade e representação.

Assim para a personalidade e representação das vítimas com desfiguração facial adquirida, Shalom acredita que a maquiagem não deve ser o motivo da autoaceitação, felicidade, desses, e sim o amor próprio, ao mesmo tempo em que reconhece os benefícios que esta pode trazer às pessoas que passaram por queimaduras graves. Relaciona-se isso a quando ela começou a se maquiar para poder enfrentar a escola e os colegas, e dessa forma outras colegas de classe começaram a querer que Shalom as maquiassem também, até que ela não sentiu mais a necessidade de cobrir suas cicatrizes. Nesse caso, a baixa autoestima traz medo da percepção dos outros, e a percepção com a própria imagem pessoal, causando medo de ser visto, dificultando conhecer novas pessoas e estabelecer amizades. Estudos de Moss (apud RUMSEY; HARCOURT, 2004) mostraram que indivíduos que fizeram cirurgias reconstrutivas apresentaram melhorias emocionais e comportamentais relacionadas com a aparência e a camuflagem potencialmente agiria de mesmo modo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Logo, segundo a revisão bibliográfica e os vídeos, a camuflagem cosmética pode sim ser utilizada como forma saudável de reabilitação desses indivíduos, já que dá a possibilidade de apagar cicatrizes e recuperar a aparência anterior ao acidente, pre-memory. O que aumenta a autoestima desses indivíduos e auxilia a reinserção social.

REFERÊNCIAS



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



Changing faces. The face equality campaign: The incidence and prevalence of disfigurement. Banco de dados, 2016. Disponível em: <<https://www.changingfaces.org.uk/wp-content/uploads/2016/03/FE-Campaign-Epidemiology-2-pages.pdf>>

LEVY, L.; EMER, J. Emotional benefit of cosmetic camouflage in the treatment of facial skin conditions: personal experience and review. Clin Cosmet Investig Dermatol, v. 5, p. 173-182, 2012.

My scars tells a story, depoimento de Solara Jaafara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vW5L-H5snrY>

RUMSEY, N; HARCOURT, D. Body image and disfigurement: issues and interventions. Body Image, Centre for Appearance Research: University of the West of England, n. 1, p. 83-97, 2004.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS

Aqui poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.